

08 JUN 1996

CIRO GOMES
ESTADO DE SÃO PAULO

Economia - Brasil

A polêmica Dornbusch



**Refletir sobre
o modelo
de Estado
que somos
capazes de
construir**

É impressionante a carga de emocionalismo, arrogação, desinformação e passionismo com que declarações mal conhecidas do professor Rudiger Dornbusch, da prestigiosa escola de economia do Massachusetts Institute of Technology (MIT), foram "respondidas" por agentes do governo, jornalistas e políticos, no Brasil. Em um seminário fechado, na distante Austrália, o professor Dornbusch teria vaticinado uma probabilidade alta de a estabilização brasileira

desaguar numa crise cambial do modo mexicano — crise de que, se diga de passagem, ele foi o único profeta se passando contra uma onda quase histórica de elogios à "transição mexicana para o Primeiro Mundo", tocada pelo "moderno" príncipe Salinas.

Em síntese, o professor afirma que, em função do grave desequilíbrio das contas públicas brasileiras, seria insustentável manter o programa de estabilização, baseado numa política monetária restritiva, cuja expressão mais visível é a altíssima taxa de juro e numa apreciação do real frente ao dólar norte-americano que, segundo ele, já poderia ser algo ao redor de até 40%. Isso nos levaria a um desequilíbrio no balanço de pagamentos e a uma necessidade de financiamentos externos crescentes, que só poderiam ser obtidos através de capitais especulativos onerosos e voláteis. Ou seja, essa questão seria suficiente para segurar as taxas de inflação baixas como

estão, mas não a médio e longo prazos. Esse modelo nos ataria aos imprevisíveis humores da banca internacional. No momento que esta, por mil razões possíveis, verdadeiras ou fictícias, sentir insegurança na praça brasileira, vai embora em massa. Retraí-se do risco Brasil, e o quadro seria de esterilização das reservas cambiais, na sequência de um ataque especulativo contra o real e de uma inevitável crise no balanço de pagamentos.

Com as necessárias e não pequenas diferenciações foi algo assim que aconteceu no México. Dornbusch teria então razão. Agora, não mais como profeta arbitrário, mas em cima de um itinerário já conhecido. As reações mais reflexivas a essa declaração têm a motivação nobre de proteger o Brasil de um surto especulativo, pois nada indica, nem o professor teria falado, que a coisa estaria na iminência de acontecer. E a especulação ganha e, portanto, estimula esse tipo de humor nervoso.

De fato, as condições gerais da economia brasileira são substancialmente diferentes das mexicanas, embora na base conceitual do modelo de estabilização que adotamos estejam presentes todas as vulnerabilidades descritas. O número síntese é o tamanho do déficit nas contas externas: o México seguiu cinco anos praticando déficits da ordem de 8% do Produto Interno Bruto (PIB) no balanço de pagamentos. O Brasil tem o mesmo problema de défi-

cit, mas sua proporção está ao redor de pouco menos da metade do número mexicano. Ou seja, o problema existe mesmo, mas com intensidade atenuada, inclusive quanto ao fator tempo, pois nosso déficit é recente.

É muito difícil saber qual é, de fato, a sobrevalorização do real frente ao dólar. E, mesmo assim, o mais correto é calcular essa valorização frente a uma cesta de moedas igualmente fortes como o marco, o iene e a libra. De qualquer forma, duas coisas parecem verdadeiras: essa sobrevalorização jamais seria da ordem dos 40%, de que teria falado o professor do MIT, mas também não é irrisória como parece sustentar o Banco Central. Basta ver quanto evoluiu a inflação e em quanto desvalorizou-se o real desde o lançamento do plano de estabilização.

É indistigável que houve uma deliberação tática de partir com o real sobrevalorizado, como expediente coadjuvante importante na política de contestação dos preços internos, via agravamento da competição com os produtos importados. O dado mais eloquente de que essa sobrevalorização não é assim tão exorbitante é o fato de que nossas exportações seguem crescendo tanto em valor quanto em quantidade, embora tenha ocorrido uma queda na participação dos manufaturados em nossa pauta de exportações.

O dado irrespondível, que dá conta da existência de uma sobrevalorização do real, é o crescimento exponencial de nossas importações. Entre o zero do Banco Central e os 40% do professor Dornbusch, também com forte dose de arbitrariedade, mas de olho na vida prática do comércio exterior, eu diria que a sobrevalorização está ao redor de 18%. O problema existe, mas não teria

nem a intensidade nem a emergência que o arrojo acadêmico do professor Dornbusch permite fazer crer.

Ora, isto também é insustentável como política para resolver a equação definitiva do desenvolvimento do Brasil. E, pior, essa lógica parte da presunção perigosíssima de que podemos pilotar, com nossas iniciativas, a taxa de confiança de especuladores internacionais. Isso é um equívoco mais que temerário. Irresponsável, pois é uma aposta em que está em jogo o destino do País. Dornbusch aposta na possibilidade pessimista de que, assim evoluindo as as finanças brasileiras, desconfiados, os especuladores vão embora. Os do governo apostam no oposto: que serão sempre capazes de serem salvos do risco, pelo maneio eterno da confiança dos investidores estrangeiros. Não é assim que os homens de Estado devem conduzir os destinos de sua Pátria. Essa polêmica deveria servir, ao menos, para que fôssemos estimulados a refletir sobre o modelo de Estado e de desenvolvimento econômico que queremos, precisamos e somos capazes de construir. E aqui é preciso dar absoluta razão ao professor Dornbusch: um modelo que dependa tão vitalmente de fluxos de capital especulativo de origem estrangeira não serve. É preciso que nos livremos dele o quanto antes. Se não porque a crise está próxima, e seria destruidora ao ponto mesmo de ameaçar nossa imperfeita democracia, pelo menos por deliberação básica de que quem dirige nossos destinos somos nós e não os yuppies de Wall Street e seus admiradores entre nós.

■ **Ciro Gomes** foi ministro da Fazenda e governador do Ceará